

## RELATO DESIGN E ARTESANATO

*Virgínia Pereira Cavalcanti*

Escrevo este relato numa condição especialmente particular, dúbia, de um lado como mediadora da mesa-redonda design e artesanato, ocorrida em agosto de 2017, de outro, como participante e observadora das transformações ocorridas no campo do design desde então. O distanciamento no tempo permite uma outra perspectiva, ampliada, que me permite ver e descrever a construção de uma trajetória iniciada ainda em 2015, quando o SBDS acolheu pela primeira vez a temática Design e Artesanato sob o viés do tripé da sustentabilidade.

É preciso dizer que o SBDS+ISSD, Simpósio Brasileiro de Design Sustentável + International Symposium on Sustainable Design, teve sua primeira edição em 2007, em Curitiba-PR, organizado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e estimulou outras universidades parceiras a acolher o evento nos anos que se seguiram. Em 2009 foi a vez da Universidade Anhembi Morumbi em São Paulo, e em 2013, das Universidades Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter) em Porto Alegre.

Foi apenas em 2015, no entanto, motivado pela necessidade de compreender a relação design [4] e artesanato [5], observando as perspectivas de mercado, as questões culturais e de sustentabilidade, que a temática, em formato de mesa

redonda, foi incorporada às discussões realizadas no Simpósio Brasileiro de Design Sustentável (SBDS). O evento, numa escala intimista organizado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) incorporava ao debate da sustentabilidade, a relação entre design e artesanato.

A estrutura do encontro estava organizada de maneira a tornar o SBDS um lugar de troca de ideias definidas sob o tripé da sustentabilidade, triple bottom line - People, Planet, Profit: 1. Pilar Social (pessoas) - Design, território e cultura - Inovação social e modelos colaborativos; 2. Pilar Ambiental (planeta) - Ecomateriais - Rotulagem ambiental; 3. Pilar Econômico (lucro) - Design e artesanato - Economia circular.

Na ocasião, recebi o convite do SBDS, na pessoa do Prof. Alfredo Jefferson, para conduzir a primeira mesa redonda Design e Artesanato, e de imediato senti a imensa responsabilidade que tinha pela frente, especialmente, quando consideramos os importantes atores que desbravaram esse caminho no Brasil. Ao tentar reunir os diversos olhares e experiências que pautavam a relação entre design e artesanato, a prioridade era reconstruir, em parte, os caminhos trilhados para a composição dessa história brasileira, sobretudo para a pauta da sustentabilidade.

Entendia que para compreender a temática seria preciso assumir suas singularidades, traçadas, sobretudo, na dualidade de uma relação que se estruturava teoricamente ao mesmo tempo em que se exercitava na prática e ação de campo. Imenso era o desafio de designers e gestores que se depararam com o ambiente artesanal, com um meio social, cultural e econômico bem distante daquele para o qual foram preparados acadêmica e profissionalmente. Preciso foi entender que sem muito treinamento e distante do ambiente industrial, o profissional de design encontrou novas formas de produzir, de conceber, de relacionar. As abordagens metodológicas do design que consideravam, em sua maioria, as perspectivas da produção industrial e, muito embora renovados com conceitos mais abrangentes, sistêmicos e estratégicos, não davam conta quando do ambiente artesanal.

A isso se somava, o lidar com questões relativas a sustentabilidade não só as ambientais, mas essencialmente as sociais e econômicas, o que tornava o desafio ainda maior. Foi por meio das experiências vivenciadas em campo, portanto, que muito da história que envolve designer e artesão foi sendo construída no território brasileiro. E foi diante do desafio, que se forjaram os atores pioneiros, designers e artesãos, que abriram caminho para novas possibilidades de interação entre o saber e o fazer. Nesse cenário, surgiram Profissionais liberais, Organizações não governamentais e governamentais, Universidades, Entidades das mais diversas

experimentando modelos e formas de atuação. Limites foram testados, modelos construídos ao longo do processo e referências forjadas.

Na intenção de resgatar essa trajetória, foi definido o enquadramento para composição da Mesa-Redonda Design e Artesanato<sup>1</sup>, modelado para reflexão a partir de relatos e vivências de atores que contribuíram para a construção da história da relação entre design e artesanato no Brasil. Os convidados trouxeram os caminhos percorridos, histórias que contam visões e experiências, diversas, ricas, singulares em suas narrativas e que possibilitaram a interlocução de diferentes olhares, formações profissionais e instâncias de atuação.

---

<sup>1</sup> Composição da Mesa-Redonda Design e Artesanato | SBDS 2015: Lia Monica Rossi (Docente no Norte e Nordeste e Consultora em Design e Artesanato) “Design e artesanato no Brasil: sustentabilidade e verbos criativos”.

Apresentou 10 estudos de caso, dentre muitos de sua atuação, entre 1994 a 2015, em 14 comunidades do Nordeste, em que lidou com as modalidades artesanais de Renda Labirinto, Renda de Bilro, Renda Renascença, Renda Irlandesa, Batiq, Pintura em Seda, Couro caprino, Ponto de Cruz e Rendendê. Helena Sampaio (Docente do Programa de Pós-Graduação e Faculdade de Educação - Unicamp). “O Artesanato Solidário e o design: notas para reflexão”. Trouxe a visão da Gestão das políticas públicas no relato de sua experiência como coordenadora nacional do Artesanato Solidário/ArteSol (oscip) voltada para o desenvolvimento de projetos de geração de renda baseados na valorização de saberes e fazeres populares. Raquel Noronha (Docente do Departamento de Desenho e Tecnologia da UFMA). “O designer orgânico: reflexões sobre a produção do conhecimento entre designers e louceiras em Itamatatua – MA”. Fez uma reflexão sobre a produção do conhecimento e as negociações entre os detentores de saberes acadêmicos e os detentores de saberes tradicionais, a partir de uma abordagem sobre o caso das Louceiras de Itamatatua e as redes de relações entre artesãos, designers e turistas. Ana Maria Andrade (Docente do Departamento de Design da UFPE). “Design e Artesanato: a experiência do Laboratório de Design O Imaginário”. Apresentou uma visão expandida, que alinha pesquisa, ensino e extensão alinhados no desafio de aproximar a universidade da realidade de pequenos municípios e lugarejos no Estado, a partir do percurso do Laboratório O Imaginário e seu modelo de intervenção em ambientes artesanais com os casos de Conceição das Crioulas e Cabo de Santo Agostinho. Rita de Castro Engler (Docente/Coordenadora do Programa de doutorado e mestrado em Design/UEMG). “Design, Artesanato e Empreendimentos Criativos: caminhos para sustentabilidade”. Discutiu o artesanato como um empreendimento criativo com o exemplo dos casos do PICNIC (Holanda) e Encontro dos Povos (Minas Gerais – Brasil); e uma abordagem que envolveu a participação de comunidades artesãs dentro de um escopo mais amplo de debates e novos estudos para soluções locais.

Figura 1: Mesa Redonda Design e Artesanato SBDS 2015 (da direita para esquerda) Lia Mônica Rossi (in memoriam), Raquel Noronha, Helena Sampaio, Ana Maria Andrade, Virginia Cavalcanti e Rita Engler



Fonte: Acervo da autora.

Não me apercebia que estava também contribuindo, de alguma forma, para modelar uma história de compromisso do designer enquanto agente social coadjuvante persuadido para a preservação e potencialização do ofício artesanal. A memória das palavras palestradas por Lia Mônica Rossi hoje me parecem mais límpidas e valorosas, “os verbos criativos e a sustentabilidade” que mostravam em nada menos que dez (10) casos o seu processo de intervenção em quatorze (14) comunidades do Nordeste do país.

Tão ousados em sua trajetória de mais de vinte anos de atuação, que vale a pena aqui repetir.

*“ADAPTAR um bom “desenho original”; ADAPTAR componentes tradicionais para novos produtos; FRAGMENTAR elementos e COMBINAR com produto tradicional; ELIMINAR desperdício; ELIMINAR processo de estampa letal, ADAPTAR um bom original e ELIMINAR um processo de acabamento doloroso; SUBSTITUIR matéria prima perecível; REDUZIR para otimizar; ELIMINAR processo de acabamento; DIVERSIFICAR para sobressair; PRESERVAR, PROMOVER, VALORIZAR, REVITALIZAR...”<sup>2</sup>*

Ativa e pujante, Lia palestrou com energia e brilho, generosamente compartilhando sabedoria e experiências conquistadas nos mais diferentes recantos do Nordeste brasileiro. Pouco tempo depois, Lia faleceu e nos deixou imensa

<sup>2</sup> Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil [livro eletrônico] / organização Alfredo Jefferson de Oliveira, Carlo Franzato, Chiara Del Gaudio. São Paulo: Blucher, 2017.

saudade. Aqui meu sincero agradecimento à sua participação, mas especialmente ao seu espírito desbravador e entusiasta, a sua fibra e altruísmo ao lidar com o artífice brasileiro. O nosso respeito e admiração.

A mesa trouxe também outras valorosas contribuições. Como deixar de mencionar aqui a contribuição de Helena Sampaio, que agregou ao debate a importante atuação do ArteSol como política pública nacional de estímulo ao artesanato brasileiro. Helena, que atuou como coordenadora Nacional do Artesanato Solidário de 1995 a 2002, incorporou à discussão uma visão sobre gestão das políticas públicas na abordagem do âmbito do Conselho da Comunidade Solidária, já ressaltando a importância das parcerias entre a sociedade civil e o Estado.

Ao estabelecer a mais valia das redes de relações com a produção negociada de conhecimento entre os saberes acadêmico e tradicional, incorporamos a visão antropológica, sob o olhar de Raquel Noronha. Com uma abordagem conceitual sobre o “designer orgânico”<sup>3</sup>, reforçava a inevitabilidade de construir metodologias colaborativas de design com a inclusão de que todos os envolvidos no processo projetual.

À medida que as palestras se sucediam, mais evidente ficava a evolução e o caminho já percorrido por designers e artesãos. Os indícios da maturação desta relação ficaram explícitos com o relato da experiência do Laboratório O Imaginário pela parceira e amiga Ana Maria Andrade. Explico: desde 2001, compartilhamos a gestão do Laboratório, os desafios e percalços de adotar uma abordagem metodológica transdisciplinar desenvolvida e experimentada por um grupo de professores, técnicos e estudantes de diversas áreas do conhecimento. O coletivo, mais uma vez reforçado, trazia nessa narrativa, uma bagagem de atuação em comunidades artesãs do Estado de Pernambuco e da aproximação da Universidade com a realidade local.

O fechamento daquela mesa emblemática também antecipou uma visão da perspectiva da inovação social sobre a relação entre design e artesanato. O entendimento do artesanato como empreendimento criativo foi trazido por Rita Engler e trouxe reflexões importantes para a discussão de estudos para soluções locais e caminhos para sustentabilidade.

A despeito das reflexões resultantes daquele debate, algumas provocações trouxeram convergências conceituais:

---

<sup>3</sup> No texto, Raquel pontua como o filósofo marxista italiano, Antonio Gramsci, cunhou a expressão intelectual orgânico para designar aqueles que produzem conhecimento na práxis, na luta contra a hegemonia.

- O respeito às redes de interação social local e valorização do patrimônio estético das comunidades;
- A importância de compreender as políticas sociais por meio de princípios emancipatórios, que devem ser aportados para combater situações de pobreza e não alimentar a condição de dependência;
- A construção de metodologias colaborativas de design associadas à necessidade de admitir que todos os envolvidos no processo projetual podem ser “*designers orgânicos*”;
- O desafio de aproximar universidade e sociedade e confrontar o conhecimento acadêmico com a prática, sensibilizando e comprometendo estudantes e professores com a necessidade de transformações sociais.

A compilação dessa conferência pode ser melhor compreendida no título “Ecovisões Projetuais”<sup>4</sup>, publicado em 2017, mesmo ano em que acontecia a sexta edição do SBDS+ISSD, comemorando seus 10 anos de existência. O Evento aconteceria em Belo Horizonte, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Novamente fui convidada a coordenar a Mesa Design e Artesanato, desta vez pela Professora Andrea Franco. Munida já de um outro olhar, vivenciando novas experiências pelo Laboratório O Imaginário, aceitei de pronto o convite.

O desafio de compor uma nova mesa, capaz de promover a produção de conhecimento e contribuições ao campo, me motivaram a buscar os nomes dos palestrantes. Pretendíamos avançar nas reflexões produzidas em 2015, pautadas pela reconstrução dos processos e atores da história da relação entre design e artesanato no Brasil, e trazer novas experiências, contemporâneas, de interlocução dessa relação, com foco, sobretudo, na sustentabilidade. O acesso ao mercado, questão ainda muito polêmica, também foi um enfoque especialmente recomendado pela organização do Evento.

Para nortear o enquadramento da Mesa Design e Artesanato 2017, ponderamos sobre:

---

<sup>4</sup> Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil [livro eletrônico] / organização Alfredo Jefferson de Oliveira, Carlo Franzato, Chiara Del Gaudio. São Paulo: Blucher, 2017. 3 Mb; e PUB.

- O avanço da interlocução do design com a imensa complexidade da realidade do artesanato brasileiro e o autoquestionamento dos designers sobre seus próprios modelos e práticas projetuais;
- A diversidade de abordagens intervencionistas identificadas no vasto território brasileiro e experimentadas por ONGs, Universidades, Profissionais liberais, Órgãos Governamentais;
- Os limites da relação entre design e artesanato, ainda aparentemente muito imprecisos e melindrosos para a maioria dos atores envolvidos, fruto das profundas contradições que derivam dos contextos tecnológicos, econômicos, sociais, culturais e ambientais;
- A urgência da busca por alternativas que preservem a atividade artesanal ao mesmo tempo em que ampliem a geração de renda de comunidades artesanais, em favor de modelos de desenvolvimento socialmente mais inclusivos e sustentáveis;
- As interseções transversais que afetam diretamente a produção artesanal como mercado, gestão, políticas públicas, especialmente no que tange às questões sociais e econômicas.

Esse entendimento partia da convicção de que:

- É imprescindível a valorização dos bens culturais e de seus territórios, ao estabelecer o diálogo entre consumo e produção, tradição e inovação, e a criação de condições capazes de potencializar os recursos locais em favor de benefícios para as comunidades;
- O designer pode e deve se deslocar do papel de criador para o de mediador nos processos de intervenção;
- Esse deslocamento que se ampara no reconhecimento do potencial criativo e técnico de artesãos e artesãs, essencialmente no valor da dimensão humana inequívoca e inerentemente invisível, existente por trás da materialidade.

Ainda sob o Pilar Econômico, a Mesa Design e Artesanato foi composta por Christian Ullmann (Fundador do escritório iT Projetos) com provocações acerca do papel do designer e sua responsabilidade socioambiental no design, inovação e gestão para a criação e desenvolvimento de produtos, projetos, sistemas e serviços; Paula Dib (Fundadora da Transforma Design) que apresentou experiências em capacitação, resgate de técnicas e adequação da produção artesanal em comunidades urbanas e rurais no território brasileiro e no exterior;



Mary Figueiredo (Sócia proprietária da marca Mary Design, de Belo Horizonte) descrevendo as oficinas e palestras ministradas em todo país, pelo Sebrae, Senai, Senac; Tibério Tabosa (Pesquisador, consultor e facilitador de processos nos campos da Economia Criativa e de Acesso a Mercados/Laboratório O Imaginário UFPE) numa abordagem sobre o produto ampliado e a cadeia produtiva do artesanato.

Figura 2: Mesa Redonda Design e Artesanato SBDS + ISSD 2017 (da direita para esquerda) Virginia Cavalcanti, Christian Ullmann, Tibério Tabosa, Mary Figueiredo, Paula Dib



Fonte: Acervo da autora.

Christian iniciou sua palestra instigando uma discussão sobre a polêmica envolvida com o acesso ao mercado e o papel do design enquanto mediador dessa aproximação. Com uma experiência de mais de vinte anos de atuação profissional entre Brasil e América do Sul, trouxe provocações que questionavam os formatos dos processos de intervenção experimentados no Brasil. Com desprendimento compartilhou os desafios que enfrentou ao longo dos anos, exemplificando seus próprios acertos e erros.

Formado em Diseño Industrial pela Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo de la Universidad de Buenos Aires – Argentina, Christian Ullmann escolheu o Brasil para residir desde 1996. Tendo atuado como consultor em design, inovação e gestão para a criação e desenvolvimento de produtos, projetos, sistemas e serviços, coordenou projetos para empresas, governos e instituições no



Brasil e Latino-américa, com prêmios na Itália, Espanha, Brasil e Argentina. Professor e palestrante de Design para a Sustentabilidade em diferentes instituições de Ensino nacionais e internacionais, é o criador, junto com Tania de Paula, do escritório iT Projetos - escritório de desenvolvimento de produtos e projetos com responsabilidade socioambiental.

Nômade, foi o nome escolhido para o Projeto Oficina, com o objetivo de valorizar as questões ambientais, culturais e características próprias de cada local, mas especialmente resultante de sua inquietude em lidar com as “variáveis prontas do mercado”. Christian menciona a dificuldade de atingir, com a intervenção, as camadas de problemas e complexidade inerentes às diversas realidades, na esfera social, econômica, cultural, política de cada grupo. O relato de Christian descrito, nesse volume, traça verdadeiramente uma linha do tempo que se estabelece no paralelo da história da relação entre design e artesanato no Brasil e a sua trajetória profissional. Essa narrativa, o próprio Christian fará.

Na sequência, fomos presenteados com a sensibilidade e delicadeza da palestra de Paula Dib que, ao ser convidada a compor a mesa, trouxe um trecho de Octávio Paz como inspiração:

*“O artesão não se define em termos de nacionalidade ou de religião. Ele não é fiel a uma ideia, nem mesmo a uma imagem, mas a uma disciplina prática: seu trabalho. Sua oficina é um microcosmo social governado por suas próprias leis especiais. Seu dia de trabalho não é ditado rigidamente por um relógio de ponto, mas por um ritmo que tem mais a ver com o corpo e sua sensibilidade do que com as necessidades abstratas de produção. Enquanto trabalha, ele pode conversar com outras pessoas e até desatar a cantar...”* Octávio Paz.

Ao suscitar a ideia de refletir sobre a relação que nós (designers) “estabelecemos com os artesãos e diversos organismos sociais”<sup>5</sup>, pontou sobre:

- “O olhar para o contexto,
- Para o ritmo.
- O olhar para mim: De onde eu olho, o que eu vejo?
- Intervenção X interação.
- E os aspectos sutis e concretos que envolvem essa prática que eu gosto de chamar de ‘Ativismo Delicado’”<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Trecho do texto de Paula Dib para a mesa redonda.

<sup>6</sup> Trecho do texto de Paula Dib para a mesa redonda.

Não é à toa que Paula tocou a todos com uma palestra leve e intensa, descrevendo sua “prática como criativa, social e reflexiva”, revelou o envolvimento e caminhos percorridos em sua trajetória. Fundadora da Trans.forma Design, Paula é formada em Desenho Industrial pela Fundação Armando Álvares Penteado (2000) e atua, desde 2003, na capacitação, resgate de técnicas e adequação da produção artesanal em comunidades urbanas e rurais no território brasileiro e no exterior. Seu percurso atesta a atuação, vencedora em Londres do Prêmio Internacional - Jovem Designer Empreendedor 2006 promovido pelo British Council e Prêmio Mercado Design TOP XXI, e Primeira colocada pelo júri popular na categoria Novos Talentos promovido pela FIESP em 2007. Participou das exposições Design Possível, em Milão; Bienal Brasileira de Design em São Paulo; New World em Londres - Reino Unido e 100% Design em Londres - Reino Unido.

Seu olhar sensível e humanista trouxe contribuições inestimáveis ao debate. Identificando potencialidades, provocando o repensar do papel social do designer, sua atuação está sempre voltada as pessoas. Sempre questionadora sobre o consumismo, o impacto ambiental da produção industrial e a desigualdade social, Paula adotou o artesanato brasileiro como causa. Com uma trajetória de mais de 30 projetos com comunidades urbanas e rurais em diversas regiões do país, é hoje uma referência na abordagem humanista dessa relação.

Na sequência, a cada palestrante, mais evidente se tornaria a indissociabilidade entre as histórias de vida individuais e o formato da atuação profissional de cada designer. A palestrante Mary Figueiredo reforçou esse entendimento ao mencionar ter sido forjada no Vale do Jequitinhonha. Com poucos recursos, atribuiu à ambiência, personagens, cultura do lugar, onde nasceu, sua inventividade. Defensora incansável do ofício artesanal e das potencialidades dos artífices brasileiros, Mary se propõe a “elevantar o conceito do artesanato nacional, agregando design a técnicas já conhecidas e exploradas e outras quase em extinção”<sup>7</sup>.

Mary Figueiredo foi sócia proprietária da marca Mary Design, de Belo Horizonte, durante 34 anos, encerrada em 2017, mesmo ano em que aconteceu essa mesa redonda. Escritora, a mineira ministra oficinas e palestras por todo país, pelo Sebrae, Senai, Senac e fez parte do projeto Talentos do Brasil, coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário. Foi curadora do evento Minas Trend Preview e diretora do Sindicato das Bijuterias de Minas Gerais. Dentre as premiações recebidas estão a comenda Mérito Industrial pela Fiemg, Prêmio

---

<sup>7</sup> Trecho do texto de Mary Figueiredo para a mesa redonda.

José Costa/Fundação Dom Cabral e Diário do Comércio, por empresa que faz a diferença no mercado e troféu Maria Elvira Salles Ferreira como Mulher Notável pela Associação Comercial de Belo Horizonte.

Com uma fluência e intimidade próprios, nos brindou com o relato de anos de experiência com a criação em moda, as diversas interações com artífices e suas premissas de atuação. Assume que “fez da necessidade a mãe de sua inventividade”<sup>8</sup>, assim como milhares de brasileiros que, não dispondo de recursos para comprar materiais, reciclam, reutilizam, reinventam. Seu percurso profissional, iniciado na adolescência, personifica o poder criativo do Brasil e a capacidade de transformar objetos e materiais aparentemente descartáveis em artefatos, com uma certa poesia materializada, atrelada a embasamento teórico e textos biográficos.

A Biografia e a história de vida também foram determinantes para a imersão de Tibério Tabosa no mundo do ofício artesanal. Apaixonado e colecionador de arte popular e artesanato, sempre dedicou tempo e esforços a conhecer profundamente os artífices brasileiros e seus ofícios. Movido por essa paixão, acumulou imenso conhecimento sobre as práticas artesanais no território brasileiro e nos países em que trabalhou durante 25 anos como executivo de Multinacional Produtora de Produtos Massivos.

Tibério, que é Mestre em Engenharia de Produção pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, se define como pesquisador, consultor e facilitador de processos nos campos da Economia Criativa e de Acesso a Mercados no Laboratório de Pesquisa e Design O Imaginário da UFPE<sup>9</sup>. Além de Produtor Cultural com foco em pesquisas e estudos sobre cadeias produtivas. Especialista em áreas como Marketing, Trade Marketing e Brand Experience, apresentou importantes contribuições numa abordagem sobre os conceitos de produto ampliado e cadeia produtiva do artesanato.

Com um perfil profissional distinto dos demais palestrantes, sua contribuição foi fundamental para instrumentalizar o debate nas questões relacionadas à perspectiva de mercado. Fontes de financiamento, políticas públicas, formação de preço, as diversas camadas do produto ampliado, foram abordados durante sua explanação. Mediado, tanto pelo conhecimento técnico quanto pelo entusiasmo

---

<sup>8</sup> Trecho da explanação de Mary Figueiredo para a mesa redonda.

<sup>9</sup> O Laboratório O Imaginário UFPE tem o objetivo de atender demandas relacionadas às produções artesanais e industriais, envolvendo professores, estudantes e técnicos de diversas áreas do conhecimento, integrando à extensão os segmentos de ensino e pesquisa, junto à Universidade Federal de Pernambuco. Desde 2001, coordeno ao lado da Profa. Ana Maria Queiroz de Andrade, o Laboratório.

ao fazer artesanal, traçou de forma clara e didática a aplicação dos conceitos de marketing ao universo artesanal.

O debate que se seguiu depois, valioso, permitiu a interlocução entre visões, experiências, formações e abordagens distintas, porém complementares. Devo, humildemente, agregar aqui minha própria contribuição. Atuando na coordenação do Laboratório O Imaginário da UFPE, tenho militado, vivenciado e pesquisado a relação entre design e artesanato no Brasil, desde 2001. Colaborei para a formatação e implementação do modelo de Intervenção de design para ambientes artesanais e compartilhei os desafios enfrentados pelo Laboratório junto aos mais diversos grupos artesanais do Nordeste do Brasil.

Sou Designer de formação, na verdade, graduada em Desenho industrial com habilitação em projeto do produto, nomenclatura em 1990. Mestre e doutora em estruturas ambientais e urbanas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/USP, Professora do Departamento de Design da UFPE e atualmente Coordenadora do PPGDesign UFPE (Programa de Pós-Graduação em Design). Pesquisadora e orientadora da interseção entre design e cultura material, desde sempre fui adepta à prática do projeto. Aqui também, tal qual os palestrantes, minha história de vida fez a diferença, nasci dentro da indústria, mais especificamente a indústria de móveis fundada por meu pai. Minha familiaridade com o ofício manual vem daí. Formões e plainas faziam parte do meu repertório desde muito cedo. Daí para a formação em design, o estudo da cultura material e o caminho da relação entre design e artesanato, foi uma questão de tempo.

Na Mesa Design e Artesanato de 2017, tive o privilégio de associar os achados da mesa anterior, do SBDS 2015, e consolidar redes de colaboração voltadas ao reconhecimento do valor do artesanato e sua relação com o design. Munidos dos argumentos teóricos, vivências de campo e reflexões sobre o papel do designer, avançamos no debate e esperamos ter contribuído para:

- Sensibilização e mobilização da comunidade científica para o valor do artesanato e suas potencialidades de pesquisa com a potencialização da discussão da relação entre design e artesanato;
- Sensibilização e mobilização da opinião pública para o valor do artesanato e das potencialidades do desenvolvimento socioeconômico de seus criadores;
- Discussões e reflexões que irão permitir aprofundar sobre a definição dos limites de atuação das intervenções de design no artesanato;

- Busca por alternativas que agreguem valor ao artesanato, fundamental para preservar a atividade e, ao mesmo tempo ampliar a geração de renda de comunidades artesanais, principalmente em locais onde as oportunidades de geração de renda são poucas ou inexistentes;
- Reflexão do designer que pretende atuar no ambiente artesanal, fundamental para que se posicione de forma responsável e esteja preparado para lidar com a complexidade e as contradições inerentes ao ofício artesanal e seus artífices.

Ao final, um sentimento de dever cumprido e uma imensa gratidão aos Professores Alfredo Jefferson e Andrea Franco pelo convite e confiança.

Em 2019, ocorreu a terceira Mesa-Redonda Design e Artesanato no 7º Simpósio Brasileiro de Design Sustentável - SBDS + International Symposium on Sustainable Design – ISSD<sup>10</sup>, realizado em Recife – PE. Essa mesa deu continuidade às reflexões realizadas nas edições 2015 e 2017, discutindo sobre a valorização dos bens culturais e de seus territórios; o diálogo entre consumo e produção, tradição e inovação; a potencialização dos recursos locais em favor de benefícios para as comunidades; o deslocamento do papel do designer para mediador e, sobretudo, o reconhecimento do potencial criativo e técnico de artesãos e artesãs, essencialmente no valor da dimensão humana inequívoca e inerentemente invisível por trás da materialidade; mas essa é uma outra história...

## BIOGRAFIA DA AUTORA

**Virgínia Pereira Cavalcanti** é Professora do Departamento de Design da Universidade Federal de Pernambuco, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Design (mestrado e doutorado) e Coordenadora do Laboratório O Imaginário. Doutora e Mestre em Estruturas Ambientais e Urbanas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Orienta e desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão que relacionam Design e Cultura Material, Design e Artesanato, Design e Sustentabilidade, Design e Inovação Social, Gestão de Design.

E-mail: [cavalcanti.virginia@gmail.com](mailto:cavalcanti.virginia@gmail.com) / [virginia.cavalcanti@ufpe.br](mailto:virginia.cavalcanti@ufpe.br)

---

<sup>10</sup> O SBDS+ISSD 2017, sob minha coordenação, foi realizado pelo Laboratório O Imaginário, com apoio do Programa de Pós-Graduação em Design/ Departamento de Design da Universidade Federal de Pernambuco.

